UNE ✦ SACRA

Esoterismo

Asclépio

(O Sermão Perfeito)

✦ ✦ ✦

Atribuído a Hermes Trismegisto (tradução inglesa de G. R. S. Mead)

Tradução (edição 1.1)

Créditos

Autor	Atribuído a Hermes Trismegisto (tradução inglesa de G. R. S. Mead)
Data	sécs. II–III
Idioma original	Latim
Versão	Tradução (edição 1.1)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de G. R. S. Mead
Fonte	Internet Sacred Text Archive — Thrice-Greatest Hermes, vol. II (Mead)
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Diálogo hermético conservado numa tradução latina antiga de um original grego perdido, o "Discurso Perfeito" (Logos Teleios), dos séculos II ou III. Foi o único texto hermético conhecido no Ocidente durante a Idade Média; parte do original apareceu em copta em Nag Hammadi.

Hermes Trismegisto ensina a Asclépio, Tat e Amon que tudo vem do Uno, que o ser humano é "um grande milagre", ponte entre os deuses e o mundo, e que o Egito é "a imagem do céu".

Nele está a famosa passagem sobre as estátuas animadas pelos sacerdotes egípcios e a profecia sobre o dia em que os deuses abandonarão o Egito.

Tradução inglesa de G. R. S. Mead (Thrice-Greatest Hermes, 1906), em 15 partes. Completa o Corpus Hermeticum que o Une Sacra já tem.

Fonte: https://www.sacred-texts.com/gno/th2/index.htm

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

CAPÍTULO 1

✦

1 [Trismegisto.] Deus, ó Asclépio, trouxe-te até nós para que ouças um discurso divino, um discurso que bem pode parecer mais divino do que todos os anteriores que proferimos ou que nos foram inspirados pelo Divino, mais divino do que a piedade da fé [comum].

2 Se vires esta Palavra com o olho do intelecto, tua mente ficará inteiramente repleta de tudo o que é bom.

3 Isso, de fato, se os "muitos" forem o "bem", e não o "um", no qual estão "todos". Na verdade, a diferença entre os dois está na concordância: "Todos" vem do "Um", ou o "Um" é "Todos". Cada um está tão estreitamente ligado ao outro que nenhum pode ser separado de seu par.

4 Mas aprenderás isso com atenção cuidadosa no discurso que virá a seguir.

5 Mas tu, ó Asclépio, sai por um instante e chama aquele que deve ouvir.

6 (E, quando ele entrou, Asclépio propôs que Amom também pudesse vir. Então o Três Vezes Grande disse:)

7 [Tris.] Não há motivo para manter Amom afastado de nós. Pois nos lembramos de que escrevemos muitas coisas para ele, como se fosse um filho muito querido e amado, muitas sobre física e tantas sobre ética quanto foi possível.

8 Contudo, inscreverei este tratado com o teu nome.

9 Mas, por favor, não chames ninguém além de Amom, para que um discurso tão piedoso sobre um tema tão grandioso não seja estragado pela presença da multidão.

10 Pois é sinal de uma mente ímpia divulgar ao conhecimento da multidão um tratado transbordante da plena Grandeza da Divindade.

11 (Quando Amom também entrou no lugar sagrado, e o grupo sagrado de quatro ficou completo, em piedade e na boa presença de Deus, eles se recolheram em silêncio adequado, reverentes, com a alma e a mente pendentes dos lábios de Hermes, e assim o Amor Divino começou a falar.)

12 [Tris.] A alma de cada pessoa, ó [meu] Asclépio, é imortal; mas nem todas do mesmo modo: algumas de uma maneira ou em certo tempo, outras de outra.

13 Asc. Então, ó Três Vezes Grande, cada alma não é da mesma qualidade?

14 Tris. Como caíste tão depressa, ó Asclépio, para longe da verdadeira sobriedade da razão!

15 Eu não disse que "Todos" é "Um", e "Um" é "Todos", visto que todas as coisas existiram no Criador antes de serem criadas? E não é sem razão que Ele é chamado "Todos", pois seus membros são "Todos".

16 Portanto, em todo este argumento, cuida de manter em mente Aquele que é "Um-Todos", ou que ele mesmo é o criador de "Todos".

17 Todas as coisas descem do Céu à Terra, à Água e ao Ar.

18 Apenas o Fogo, por ser levado para cima, dá vida; aquilo que é levado para baixo fica a serviço do Fogo.

19 Além disso, tudo o que desce do alto gera; o que flui para cima nutre.

20 Apenas a Terra, por repousar sobre si mesma, recebe todas as coisas e restaura todos os gêneros que recebe.

21 Este Todo, como te lembras, por ser composto de tudo — isto é, todas as coisas, abrangidas pela natureza sob "Alma" e "Mundo" — está em fluxo perpétuo, tão variado pela igualdade multiforme de todas as suas formas que se podem discernir incontáveis tipos de qualidades bem distintas, mas unidos pelo vínculo de parecerem todos Um, e "Todos" virem do "Um".

22 Aquilo, então, de que se forma todo o Cosmos consiste em Quatro Elementos — Fogo, Água, Terra e Ar. O Cosmos é um, sua Alma é uma, e Deus é um.

23 Agora, entrega-me por inteiro a ti mesmo — tudo o que puderes em pensamento, tudo o que puderes alcançar em compreensão.

24 Pois a Razão da Divindade não pode ser conhecida sem uma intenção dos sentidos semelhante a ela.

25 Ela é como a corrente de uma torrente, que desaba impetuosa do alto com uma maré que tudo devora; por isso, com a rapidez de seu curso, ela é veloz demais para nossa atenção, não só para os ouvintes, mas também para os próprios mestres.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 2

✦

1 O Céu, então, Deus Sensível, dirige todos os corpos; os aumentos e as diminuições dos corpos são governados pelo Sol e pela Lua.

2 Mas aquele que governa o Céu, sua Alma e tudo o que está dentro do Cosmos é Deus, o Criador de todas as coisas.

3 Pois de tudo o que foi dito acima, sobre o que o mesmo Deus governa, flui uma torrente de todas as coisas que percorre o Cosmos e a Alma, de toda classe e espécie, por toda a Natureza das coisas.

4 Além disso, Deus preparou o Cosmos como receptáculo de formas de todo tipo.

5 Com essas espécies, a Natureza que pensa adiante estendeu o Cosmos até o Céu por meio dos Quatro Elementos, tudo para dar prazer aos olhos de Deus.

6 E todos os que dependem do Alto se subdividem em espécies da maneira que vou explicar.

7 Os gêneros de todas as coisas se juntam às suas próprias espécies; assim, o gênero é uma classe inteira, e a espécie é parte de um gênero.

8 O gênero dos deuses, portanto, produzirá de si mesmo as espécies dos deuses.

9 Do mesmo modo, o gênero dos daimons, dos seres humanos, das aves e de todos os [animais] que o Cosmos contém em si produz espécies semelhantes a si.

10 Há também um gênero diferente dos animais — um gênero, ou mesmo uma alma, pois não é desprovido de sensação — e por isso encontra felicidade em condições favoráveis e definha e se estraga nas adversas. Refiro-me à classe de todas as coisas da terra que devem a vida à boa condição das raízes e dos brotos, cujos vários tipos estão espalhados por toda a extensão da Terra.

11 O próprio Céu está cheio de Deus. Os gêneros que acabamos de mencionar, portanto, ocupam os espaços de todas as coisas cujas espécies são imortais.

12 Pois uma espécie é parte de um gênero — como, por exemplo, o ser humano é parte da humanidade — e uma parte deve seguir a qualidade de sua própria classe.

13 Daí acontece que, embora todos os gêneros sejam imortais, nem todas as espécies o são.

14 O gênero da Divindade é imortal em si mesmo e também em suas espécies.

15 Quanto aos gêneros das outras coisas, seus gêneros também são eternos; pois, embora pereçam em suas espécies, persistem por meio de sua fecundidade ao gerar. Por isso, suas espécies estão sujeitas à morte: o ser humano é mortal, a humanidade é imortal.

16 E, no entanto, as espécies de todos os gêneros se misturam a todos os gêneros: algumas já foram criadas, outras são criadas a partir delas.

17 As últimas, que estão sendo criadas — pelos deuses, pelos daimons ou pelos seres humanos — são espécies muito semelhantes aos seus respectivos gêneros.

18 Pois é impossível que os corpos se formem sem a vontade de Deus, que as espécies sejam configuradas sem o auxílio dos daimons ou que os animais sejam ensinados e treinados sem o auxílio dos seres humanos.

19 Os daimons que, ultrapassando seu próprio gênero, por acaso se unem a uma espécie por causa da proximidade de alguma espécie da classe divina são considerados semelhantes aos deuses.

20 Já as espécies dos daimons que permanecem na qualidade de sua própria classe amam a natureza racional dos seres humanos [e se ocupam deles] e são chamadas de daimons propriamente ditos.

21 O mesmo acontece com os seres humanos, e até mais. As espécies da humanidade são diversas e multiformes. E, surgindo da própria associação mencionada acima, ela necessariamente produz uma multidão de combinações com todas as outras espécies e quase todas as coisas.

22 Por isso, o ser humano se aproxima dos deuses quando se une a eles com piedade divina, por meio de sua mente, pela qual se liga aos deuses; e se aproxima dos daimons por estar unido a eles também.

23 Já os seres humanos que se contentam com a mediocridade de sua própria classe, e as demais espécies da humanidade, serão semelhantes àquelas espécies da classe às quais se uniram.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 3

✦

1 É por razões como essas, Asclépio, que o ser humano é uma maravilha grandiosa, um animal digno de nossa adoração e de nosso respeito.

2 Pois ele passa à Natureza de Deus, como se ele próprio fosse deus. Esse gênero também conhece o gênero dos daimons, como se o ser humano soubesse que tem origem comum com eles. Ele dá pouca importância à parte da natureza humana que há nele, confiando na divindade de sua outra parte.

3 Como é muito mais feliz a mistura da natureza humana! Unido aos deuses por sua divindade afim, o ser humano olha com desdém para a parte de si que compartilha com a Terra.

4 As demais coisas com as quais sabe ser aparentado, pela ordem celeste que há nele, ele liga a si com laços de amor; e assim volta o olhar para o Céu.

5 Assim, o ser humano ocupa o lugar mais abençoado do Meio; ama os que estão abaixo dele e, por sua vez, é amado pelos que estão acima.

6 Ele cultiva a Terra. Mistura-se aos Elementos pela rapidez de sua mente. Mergulha nas profundezas do Mar por meio de sua profundidade. Avalia todas as coisas.

7 O Céu não lhe parece alto demais, pois é medido pela sabedoria de sua mente como se estivesse bem perto.

8 Nenhuma escuridão do Ar impede a penetração de sua mente. Nenhuma densidade da Terra dificulta seu trabalho. Nenhuma profundidade da Água enfraquece sua visão.

9 [Embora continue] o mesmo, ele é tudo e em toda parte é o mesmo.

10 Entre todos esses gêneros, as espécies que são animais têm [muitas] raízes, que se estendem de cima para baixo; já as que são imóveis, a partir de uma raiz viva, lançam de baixo para cima uma ramagem de verdejante folhagem.

11 Além disso, alguns deles são nutridos por dois tipos de alimento, e outros por um só.

12 Há dois tipos de alimento: para a alma e para o corpo, dos quais todos os animais são compostos. A alma deles é nutrida pelo movimento sempre inquieto do Mundo; seus corpos crescem com alimentos tirados da água e da terra do mundo inferior.

13 O Espírito, que preenche todos eles, misturado às demais coisas, faz com que vivam; a ele se acrescenta a sensação e, no caso do ser humano, também a razão, que foi dada somente a ele como uma quinta parte, vinda do éter.

14 Entre todos os seres vivos que Deus adorna, estende e exalta, somente a sensação do ser humano se eleva à compreensão da Razão da Divindade.

15 Mas, como me sinto levado a falar sobre a Sensação, mais adiante apresentarei a vocês o discurso sobre esse assunto, pois ele é santíssimo e poderosíssimo, não menos do que a própria Razão da Divindade.

16 Mas agora terminarei para vocês o que comecei. No início, eu falava da união com os deuses, pela qual somente os seres humanos desfrutam conscientemente da atenção dos deuses — refiro-me aos que alcançaram tal êxtase que obtiveram uma parte daquela percepção divina da inteligência, a mais divina das sensações, encontrada em Deus e na razão humana.

17 Asc. As sensações de todas as pessoas não são iguais, ó Três Vezes Grande?

18 Tris. Não, [meu] Asclépio, nem todos alcançaram a verdadeira razão; correndo desordenadamente em busca de seu simulacro, nunca veem a própria coisa e são enganados. Isso gera o mal em suas mentes e assim transforma o melhor dos animais na natureza de uma fera e nos costumes dos brutos.

19 Mas tratarei por inteiro da Sensação e de todas as coisas semelhantes quando falar do Espírito.

20 Pois o ser humano é o único animal que é duplo. Uma parte dele é simples: o ser "essencial", como dizem os gregos, mas que nós chamamos de "forma da Semelhança Divina".

21 Ele também é quádruplo: aquilo que os gregos chamam de "hílico", e nós de "cósmico"; dele se forma a parte corporal, na qual está revestido o que acabamos de dizer que é divino no ser humano — nela, somente a divindade da Mente, junto com o que lhe é afim, isto é, as sensações da Mente Pura, encontra lar e repouso, consigo mesma, como se estivesse encerrada nas paredes do corpo.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 4

✦

1 Asc. Então, Três Vezes Grande, o que fez com que o ser humano fosse colocado no mundo e não passasse a vida em suprema felicidade naquela parte [do universo] onde está Deus?

2 [Tris.] Tu perguntas com razão, ó [meu] Asclépio! E rogamos a Deus que nos conceda o poder de expor essa razão, pois tudo depende da Sua vontade, especialmente aquilo que se expõe sobre o Todo Supremo, a Razão que é objeto de nosso argumento atual. Ouve, então, Asclépio!

3 O Senhor e Criador de todas as coisas, a quem chamamos corretamente de Deus, quando criou de Si mesmo o segundo [Deus], o Visível e Sensível — chamo-o Sensível não porque tenha sensações em si mesmo (pois, quanto a isso, se ele tem ou não sensações, declararemos em outra ocasião), mas porque é objeto dos sentidos daqueles que veem —, quando, então, o criou primeiro, embora segundo a Si mesmo, e Ele lhe pareceu [muito] belo, como alguém pleno da bondade de todas as coisas, apaixonou-se por ele, pois fazia parte de Sua Divindade.

4 Assim, por ser tão poderoso e tão belo, quis que outro alguém tivesse o poder de contemplar aquele que Ele havia criado de Si mesmo. Então criou o ser humano, imitador de Sua Razão e de Seu Amor.

5 A vontade de Deus é, em si mesma, realização completa; pois, ao querer, Ele levou tudo a pleno cumprimento naquele mesmo instante.

6 E assim, ao perceber que o ser humano "essencial" não poderia amar todas as coisas se não o revestisse de uma carapaça cósmica, encerrou-o numa casa de corpo — e determinou que todos [os seres humanos] fossem assim —, fazendo dele, das duas naturezas, uma só mistura e combinação bem proporcionada.

7 Por isso, Ele fez o ser humano de alma e corpo, isto é, de uma natureza eterna e outra mortal, para que um animal assim composto pudesse satisfazer sua dupla origem: admirar e adorar as coisas do céu, e cultivar e governar as coisas da terra.

8 Por coisas mortais não me refiro à água ou à terra [em si], pois estas são dois dos elementos [imortais] que a natureza submeteu aos seres humanos, mas [sim] às coisas feitas pelos seres humanos, ou que estão neles ou vêm deles, como o cultivo da própria terra, as pastagens, [as] construções, os portos, as viagens, as comunicações e os serviços mútuos, que são os laços mais firmes entre os seres humanos e aquela parte do Cosmos que consiste [de fato] em água e terra, [mas que é] a parte terrestre do Cosmos — preservada pelo conhecimento e pelo uso das artes e das ciências; sem essas coisas, Deus não quer que o Cosmos esteja completo.

9 A necessidade acompanha aquilo que parece bom a Deus; a execução segue Sua vontade.

10 Também não se pode crer que aquilo que um dia Lhe agradou venha a desagradar a Deus, pois Ele já sabia, muito antes, tanto o que aconteceria como o que Lhe agradaria.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 5

✦

1 Mas, ó Asclépio, vejo que, com tua mente tomada por um desejo intenso, tens pressa de saber como o ser humano pode amar e adorar o Céu ou as coisas que nele estão. Ouve, então, Asclépio!

2 O amor a Deus e ao Céu, junto com todos os que nele estão, é um ato perpétuo de adoração.

3 Nenhum outro ser animado, entre deuses ou animais, pode fazer isso; somente o ser humano. É na admiração, na adoração, [no] louvor dos seres humanos e [em seus] atos de culto que o Céu e os seres celestes encontram seu deleite.

4 Não foi sem motivo que o coro das Musas foi enviado pela Divindade Suprema à humanidade, para que o mundo terrestre não parecesse demasiado inculto por carecer do encanto das medidas, mas, ao contrário, para que Ele fosse louvado com os cantos e louvores dos seres humanos acompanhados de música — Ele, que é o único Todo, ou o Pai de todos —, e para que nem mesmo nas terras faltasse a doçura da harmonia do louvor celeste.

5 Assim, alguns, embora muito poucos, dotados da Mente Pura, receberam a sagrada incumbência de contemplar o Céu.

6 Já aqueles que, por causa da dupla mistura de sua natureza, ainda não retiraram a razão interior da massa de seu corpo, foram destinados ao estudo dos elementos e [de] tudo o que está abaixo deles.

7 Assim, o ser humano é um animal; mas não é menos poderoso por ser em parte mortal. Pelo contrário, parece ainda mais apto e capaz de alcançar a Razão Certa, pois também recebeu a mortalidade.

8 Pois é evidente que não poderia suportar o esforço de ambas as coisas se não tivesse sido formado das duas naturezas, para que pudesse ter o poder de cultivar as coisas da terra e amar o Céu.

9 Eu gostaria que compreendesses a razão de uma tese como esta, ó [meu] Asclépio, não apenas com a atenção aguçada de tua alma, mas também com sua força vital.

10 Pois é uma razão em que a maioria das pessoas não consegue acreditar; o Perfeito e o Verdadeiro devem ser compreendidos pelas mentes mais santas. Começarei, então.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 6

✦

1 O Senhor da Eternidade é o primeiro Deus; o Cosmos, o segundo; o ser humano, o terceiro.

2 Deus é o Criador do Cosmos e de todas as coisas que nele existem; ao mesmo tempo, governa tudo, junto com o próprio ser humano, [que é] o governante da coisa composta. O ser humano toma para si o todo e cuida dele com o amor que lhe é próprio, para que os dois, ele mesmo e o Cosmos, sejam ornamento um para o outro; assim, dessa composição divina do ser humano, parece muito apropriado que o "mundo" seja chamado de "Cosmos" em grego.

3 Ele conhece a si mesmo; conhece também o Mundo. Assim, de fato, lembra o que convém às partes que o compõem. Recorda aquilo de que deve fazer uso, para que lhe sirva; dando o maior louvor e graças a Deus, reverenciando sua Imagem — sem ignorar que ele também é a segunda imagem de Deus; pois há duas imagens de Deus: o Cosmos e o ser humano.

4 Assim, acontece que, sendo a estrutura do ser humano una, naquela parte [dele] que consiste de Alma, Sentido, Espírito e Razão, ele é divino; de modo que parece ter o poder de subir, por assim dizer, dos elementos superiores ao Céu.

5 Mas, em sua parte cósmica, composta de fogo, água e ar, ele permanece mortal na Terra — para não deixar abandonadas e desamparadas todas as coisas confiadas aos seus cuidados.

6 Assim, a humanidade é feita imortal em uma parte e, na outra, sujeita à morte enquanto está em um corpo.

7 Ora, dessa natureza dupla — isto é, do ser humano — há uma capacidade principal. [E ela é] a piedade, que é seguida pela bondade.

8 [E] essa [capacidade], então, e somente então, parece estar aperfeiçoada, se for fortalecida pela virtude de desprezar todos os desejos por coisas alheias.

9 Pois são alheias a qualquer parentesco com os deuses todas as coisas da Terra, tudo aquilo que se possui por causa dos desejos do corpo — às quais damos corretamente o nome de "posses", já que não nascem conosco, mas começamos a possuí-las mais tarde; por isso as chamamos de posses.

10 Todas essas coisas, então, são alheias ao ser humano — até mesmo seu corpo. Assim, podemos desprezar não só aquilo que desejamos, mas também aquilo de onde vem o vício do desejo.

11 Pois, na medida em que o crescimento da razão guia nossa alma, nessa mesma medida devemos ser humanos; para que, contemplando o divino, olhemos de cima e desprezemos a parte mortal que se uniu a nós pela necessidade de ajudar o mundo inferior.

12 Pois, para que o ser humano seja completo em ambas as partes, observa que ele foi composto de elementos de cada parte em grupos de quatro: as mãos e os pés, dois pares, e os outros membros do corpo, por meio dos quais pode servir ao mundo inferior, isto é, terreno.

13 E a essas partes se acrescentam outras quatro: Sentido, Alma, memória e previsão, por meio das quais ele pode conhecer as demais coisas divinas e julgá-las.

14 Por isso, o ser humano investiga as diferenças e qualidades, os efeitos e as quantidades das coisas com pesquisa criteriosa; contudo, como é retido pelo peso excessivo da imperfeição do corpo, não consegue discernir corretamente as verdadeiras causas da natureza das coisas que existem.

15 O ser humano, criado e composto dessa maneira e designado pelo Deus Altíssimo para esse ministério e serviço, ao manter o mundo devidamente em ordem e adorar a Deus com piedade, obedecendo de modo digno e adequado à Boa Vontade de Deus — sendo assim —, com que recompensa achas que deveria ser retribuído?

16 Pois, se o Cosmos é obra de Deus, aquele que preserva e aumenta sua beleza com amor une a própria obra à Vontade de Deus; quando, com esforço e cuidado, molda as espécies que Ele já criou com sua Intenção Divina, usando o próprio corpo, com que recompensa achas que deveria ser retribuído, senão com aquela que abençoou nossos antepassados?

17 Que isso seja o prazer do Amor de Deus: essa é a nossa oração por vocês, devotados.

18 Em outras palavras, quando tiverem cumprido seu tempo, deixado para trás as limitações do mundo e se libertado dos laços da morte, que Ele os restaure puros e santos à natureza do seu eu superior, isto é, ao Divino!

19 Asc. Com razão e verdade, ó Trismegisto, falas. Esse é o prêmio daqueles que, com piedade, subordinam a vida a Deus e vivem para ajudar o mundo.

20 Tris. Àqueles, porém, que viveram de outro modo, sem piedade, é negado o retorno ao Céu, e lhes é destinada a migração para outros corpos, indignos de uma alma santa e inferiores; assim, como este nosso discurso mostrará, as almas correm, durante a vida na Terra, o risco de perder a esperança da imortalidade futura.

21 Mas [tudo isso] parece inacreditável a alguns; a outros, uma fábula; e a outros ainda, talvez, motivo de riso.

22 Pois, nesta vida corporal, é agradável o prazer que se obtém das próprias posses. Por essa razão, o despeito, com inveja da [esperança de] imortalidade, prende a alma no cárcere, como dizem, e a mantém subjugada, para que permaneça naquela parte de si que é mortal e não possa conhecer sua parte divina.

23 Pois vou te dizer, como se fosse uma profecia: ninguém depois de nós terá o Amor Único, o amor à sabedoria, que consiste apenas no Conhecimento do Divino — [a prática da] contemplação perpétua e da santa piedade. Pois muitos confundem a filosofia com raciocínios variados.

24 Asc. Por que, então, muitos tornam a filosofia tão difícil de compreender? Ou por que a confundem com raciocínios variados?

25 Tris. É assim, Asclépio: misturando-a, por meio de explicações sutis, com diversas ciências difíceis de compreender, como a aritmética, a música e a geometria.

26 Mas a Filosofia Pura, que depende apenas da piedade para com Deus, só deve se ocupar de outras artes o bastante para saber apreciar o cálculo das posições predeterminadas dos astros quando retornam e o curso de seu movimento.

27 Que ela saiba também apreciar as dimensões da Terra, suas qualidades e quantidades, as profundezas da Água, a força do Fogo e os efeitos e a natureza de tudo isso. [E assim] preste culto e louvor à Arte e à Mente de Deus.

28 Quanto à Música [verdadeira], conhecê-la não é outra coisa senão conhecer a ordem de todas as coisas e tudo o que a Razão de Deus determinou.

29 Pois a ordem de cada coisa, quando todas são reunidas em uma só [tonalidade] por meio de uma razão habilidosa, produzirá, por assim dizer, a harmonia mais doce e verdadeira com a própria Canção de Deus.

30 Asc. Quem, então, serão os homens depois de nós?

31 Tris. Serão desviados pela esperteza dos sofistas e afastados da Verdadeira Filosofia — o Amor Puro e Santo.

32 Pois adorar a Deus com uma só mente e alma, reverenciar as coisas que Ele criou e dar graças à sua Vontade, a única coisa plenamente boa: isso é Filosofia sem a curiosidade grosseira da alma.

33 Mas, sobre esse assunto, basta o que foi dito até aqui.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 7

✦

1 E agora comecemos a tratar do Espírito e de coisas semelhantes.

2 Primeiro havia Deus e a Matéria, que nós, em grego, chamamos de Cosmos; e o Espírito estava com o Cosmos, ou o Espírito estava no Cosmos, mas não da mesma maneira que em Deus; nem havia ainda em Deus as coisas das quais o Cosmos vem a nascer.

3 Elas não existiam; justamente porque não existiam, mas ainda estavam naquela condição de onde nasceram.

4 Pois não se chamam ingeneráveis apenas as coisas que ainda não nasceram, mas também aquelas que não têm o poder fecundante de gerar, de modo que nada possa nascer delas.

5 Assim, todas as coisas que têm em si o poder de gerar — essas duas são geráveis, isto é, delas pode ocorrer o nascimento, embora nasçam apenas de si mesmas. Pois não há dúvida de que o nascimento pode ocorrer facilmente a partir daquelas que nascem de si mesmas, uma vez que todas as coisas nascem delas.

6 Deus, por conseguinte, o eterno, Deus para sempre, não pode nascer, nem poderia ter nascido. Ele é, Ele foi, Ele será para sempre. Essa, portanto, é a Natureza de Deus: tudo provém apenas de si mesma.

7 Mas a Matéria (ou a Natureza do Cosmos) e o Espírito, embora não pareçam ter nascido de alguma fonte, possuem em si o poder de gerar e de dar origem — a natureza da fecundidade.

8 Pois o princípio está justamente naquela qualidade da natureza que possui em si o poder e a matéria tanto da concepção quanto do nascimento. Portanto, sem conceber de outro, ela pode gerar por si mesma.

9 Por outro lado, as coisas que só têm o poder de dar à luz ao se misturarem com outra natureza devem ser distinguidas assim: este Espaço do Cosmos, com tudo o que nele há, parece não ter nascido, pois sem dúvida contém em si toda a potência da Natureza.

10 Por "Espaço" quero dizer aquilo em que estão todas as coisas. Pois todas essas coisas não poderiam existir se o Espaço não existisse para contê-las. É preciso haver Espaço para todas as coisas que já existiram.

11 Pois não se podem distinguir as qualidades, as quantidades, as posições nem as operações daquilo que não está em lugar algum.

12 Assim, o Cosmos, embora não tenha nascido, contém ainda os nascimentos de tudo, pois oferece a todas as coisas úteros muito fecundos para sua concepção.

13 Ele é, por conseguinte, a totalidade daquela qualidade da Matéria que tem potência criadora, embora não tenha sido criado.

14 E, como essa qualidade da Matéria é, por natureza, produtiva, a mesma fonte produz tanto o mal quanto o bem.

15 Por conseguinte, Asclépio e Amom, não disse o que muitos dizem: que Deus não poderia extirpar e banir o mal da ordem das coisas. A isso não é preciso responder. Mas, por vocês, continuarei o que comecei e darei uma explicação.

16 Dizem que Deus deveria ter libertado o Mundo do mal de todas as maneiras, pois há tanto mal no Mundo que ele parece ser um de seus membros.

17 Isso foi previsto pelo Deus Altíssimo, que tomou todas as providências que a razão permitia, quando julgou adequado dotar as mentes humanas de percepção, conhecimento e inteligência.

18 Pois é somente por essas faculdades, pelas quais nos elevamos acima dos outros animais, que podemos evitar as armadilhas e os crimes do mal.

19 Quem, ao vê-los, se afastar deles antes de se enredar, será alguém protegido pela inteligência divina e pela prudência piedosa.

20 Pois os alicerces do verdadeiro conhecimento são as pedras de coroamento da virtude.

21 É pelo Espírito que todas as coisas são governadas e animadas no Cosmos; e o Espírito está sujeito à Vontade do Deus Altíssimo, como se fosse um mecanismo ou uma máquina.

22 Concebamo-lo, então, apenas até esse ponto: como Aquele que só pode ser concebido pela mente, chamado Deus Altíssimo, Governante e Diretor do Deus Sensível; Aquele que contém em si todo o Espaço, toda a Substância e toda a Matéria das coisas que produzem e geram, e tudo o que existe, por maior que seja.

23 É pelo Espírito que todas as espécies do Cosmos são movidas ou governadas, cada uma segundo a natureza que Deus lhe deu.

24 A Matéria, ou Cosmos, por outro lado, é aquilo que contém todas as coisas: o campo do movimento e aquilo que reúne tudo. Deus a governa, distribuindo a cada coisa cósmica tudo o que lhe é necessário.

25 Ele preenche todas as coisas com o Espírito, segundo a qualidade da natureza de cada uma.

26 Como a cavidade arredondada do Cosmos gira em forma de esfera, por causa de sua própria qualidade ou forma, ela nunca pode ser vista por completo.

27 Assim, por mais alto que escolhas um lugar para olhar para baixo, não poderás ver dali o que está na parte de baixo, porque em muitos pontos ela se põe diante dos sentidos e, por isso, parece ter a qualidade de ser visível por inteiro.

28 Ela só parece visível por inteiro por causa das formas das espécies, cujas imagens parecem estar gravadas nela; mas, na verdade, permanece sempre invisível para si mesma.

29 Por isso, seu fundo, ou sua parte mais baixa, se tal lugar existe dentro de uma esfera, é chamado em grego a-eidēs, pois eidein, em grego, significa "ver"; e a esfera não possui esse "ser visto" em seu princípio.

30 Por isso também as espécies são chamadas eideai, pois têm uma forma que não podemos ver.

31 Como são privadas do "ser visto", em grego são chamadas Hades; e, por estarem na parte mais baixa da esfera, em latim são chamadas Inferi.

32 Essas coisas, portanto, são primordiais e anteriores e, por assim dizer, as fontes e os princípios de todas as coisas que estão nelas, por meio delas ou provêm delas.

33 Asc. Então, todas as coisas em si mesmas — como tu dizes, Trismegisto — são princípios cósmicos, como eu diria, de todas as espécies que estão nelas, ou, por assim dizer, a totalidade e a substância de cada uma delas.

34 Tris. Então, o Cosmos nutre os corpos; o Espírito, as almas; e o Sentido [Superior] — dom celestial concedido somente à humanidade — alimenta a mente.

35 E esse dom não é dado a todos, mas a poucos, cujas mentes têm a qualidade necessária para receber uma bênção tão grande.

36 Pois, assim como o Sol ilumina o Mundo, aquela Luz ilumina a mente humana; e ainda mais plenamente.

37 Pois tudo aquilo sobre o que o Sol brilha logo perde sua luz quando a Terra ou a Lua se interpõem, ou quando chega a noite.

38 Mas, quando o Sentido [Superior] se mistura à alma humana, surge a harmonia da feliz união entre suas naturezas; assim, as mentes desse tipo nunca mais ficam presas aos erros da escuridão.

39 Por isso, disseram com razão que os Sentidos [Superiores] são as almas dos Deuses; e acrescento: não de todos os Deuses, mas somente dos grandes, e até mesmo dos princípios destes.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 8

✦

1 Asc. O que chamas de cabeças das coisas, ou fontes dos começos, ó Três vezes grande?

2 Tris. Grandes são os mistérios que te revelo, divinos os segredos que te desvendo. Por isso, começo este assunto com preces para obter o favor do Céu.

3 Há muitas hierarquias de deuses; entre todas elas, uma classe é chamada de inteligível, e a outra, de sensível.

4 A primeira é chamada de inteligível, não porque se pense que esteja além dos nossos sentidos. Pois esses são justamente os deuses que percebemos com mais verdade do que aqueles que chamamos de visíveis — como nosso argumento provará; e tu, se prestares atenção, estarás apto a ver.

5 Pois um raciocínio elevado, e ainda mais um que seja divino demais para a compreensão dos homens comuns, se as palavras de quem fala não forem recebidas com atenção redobrada, passará por eles e seguirá adiante; ou melhor, voltará a fluir e se misturará às correntes de sua própria fonte.

6 Há, portanto, certos deuses que são os princípios de todas as espécies.

7 Em seguida vêm aqueles cuja essência é seu princípio. São os sensíveis, cada qual semelhante à sua própria fonte dupla. Por meio da sensibilidade, afetam todas as coisas: uma parte, por meio da outra, faz brilhar a obra própria de cada uma.

8 A essência que rege o Céu — ou tudo o que esse termo abrange — é Zeus, pois é por meio do Céu que Zeus dá vida a todos.

9 A essência que rege o Sol é a luz, pois o dom benéfico da luz é derramado sobre nós por meio do disco solar.

10 Os "Trinta e seis", chamados de Horóscopos, ocupam o mesmo espaço que as Estrelas Fixas. A essência que os rege, ou seu príncipe, é aquele a quem chamam de Pantomorfo, ou Omniforme, que molda as várias formas para as várias espécies.

11 Os "Sete", chamados de esferas, têm essências que os regem, isto é, cada um tem seu próprio governante. Em conjunto, eles são chamados de Fortuna e Heimarmene, e por meio deles todas as coisas mudam segundo a lei da natureza, enquanto a estabilidade perpétua se alterna com o movimento incessante.

12 O Ar, além disso, é o mecanismo por meio do qual todas as coisas são feitas — embora haja uma essência que o rege, um segundo Ar —, a partir de coisas mortais e semelhantes.

13 Essas hierarquias de deuses, sendo assim e estando relacionadas dessa maneira, de baixo para cima, também se ligam umas às outras e tendem umas para as outras. Assim, as coisas mortais se ligam às mortais, e as coisas sensíveis, às sensíveis.

14 Toda essa grande escala de governo, porém, parece ao Senhor Supremo não ser composta de muitas coisas, mas de uma só.

15 Pois todas as coisas dependem de Um e dele emanam. Quando vistas separadamente, parecem ser tantas quantas podem ser; mas, reunidas, são uma só coisa, ou melhor, duas, das quais todas as coisas são feitas: a Matéria, por meio da qual as demais coisas são feitas, e a Vontade daquele cujo aceno as faz acontecer.

16 Asc. É por isso também, ó Três vezes grande?

17 Tris. É, Asclépio. Deus é o Pai, o Senhor de todas as coisas, ou qualquer outro nome pelo qual os homens o chamem com mais santidade e devoção — nome que, entre nós, deve ser reservado para que possamos compreendê-lo.

18 Pois, se contemplarmos esse Deus tão transcendente, não o definiremos por nenhum desses nomes.

19 Pois uma palavra falada é um som que sai do ar quando é golpeado pelo sopro, talvez expressando toda a vontade humana, ou então o sentido mais elevado que uma pessoa, por um feliz acaso, percebe por meio da mente, quando afastada de todos os sentidos.

19.2 Um nome é feito de uma ou duas sílabas e foi delimitado e ponderado para servir ao homem como elo necessário entre a voz e o ouvido. Assim, o Nome de Deus, em sua plenitude, deve consistir de Sentido, Espírito e Ar, e de todas as coisas que estão neles, por meio deles ou com eles.

20 De fato, não espero que o Criador de toda a Grandeza, o Pai e Senhor de todas as coisas que existem, possa ter um único nome, mesmo que composto de muitos. Ele não pode ser nomeado, ou melhor, pode ser chamado por todos os nomes.

21 Pois ele é Um e Tudo; portanto, todas as coisas devem ser chamadas pelo mesmo nome que o seu, ou ele próprio deve ser chamado pelos nomes de todas elas.

22 Ele, sozinho, completo em tudo e fecundo em ambos os sexos, sempre grávido de sua própria Vontade, dá à luz tudo o que desejou criar.

23 Sua Vontade é a bondade suprema, que também é a bondade de todas as coisas, nascida da natureza de sua própria divindade, para que todas as coisas existam como sempre existiram e, de agora em diante, a natureza de gerar a si mesmas baste a todas as coisas que vierem a nascer.

24 Que esta seja, então, a explicação, Asclépio, de por que e como todas as coisas são feitas de ambos os sexos.

25 Asc. Então falas de Deus, ó Três vezes grande?

26 Tris. Não só de Deus, Asclépio, mas de todas as coisas vivas e inanimadas. Pois é impossível que qualquer coisa que exista seja estéril.

27 Pois, se a fecundidade fosse retirada de todas as coisas existentes, elas não poderiam permanecer para sempre como são. Quero dizer que a Natureza, o Sentido e o Cosmos têm em si o poder de gerar e preservar todas as coisas que nascem.

28 Ambos os sexos são cheios de capacidade geradora; e cada um se une ao outro ou, mais precisamente, forma com ele uma unidade incompreensível, que podes chamar com razão de Eros, Afrodite, ou ambos.

29 Isto é mais verdadeiro do que toda verdade e mais claro do que aquilo que a mente percebe: desde aquele Deus universal da Natureza universal, todas as outras coisas sempre receberam e tiveram concedido o mistério de

gerar. Nele estão presentes a mais doce Caridade, a Alegria, o Contentamento, o Desejo e o Amor Divino.

30 Teríamos de falar do grande poder e da força desse mistério, se cada um não pudesse conhecê-lo por experiência própria, observando a si mesmo.

31 Pois, se observares aquele momento supremo em que... uma natureza derrama a cria na outra, e a outra a recebe avidamente da primeira e a esconde cada vez mais fundo em si mesma, então, nesse momento, do encontro das duas, as fêmeas assumem a natureza dos machos, e os machos se cansam da indolência feminina.

32 Assim, a consumação desse mistério, tão doce e necessária, acontece em segredo, para que, por causa das piadas vulgares da ignorância, a divindade de cada sexo não seja obrigada a corar diante do encontro natural — muito mais ainda se fosse exposta à vista de gente ímpia.

33 Os devotos, porém, não são muitos; pelo contrário, são tão poucos que podem ser contados no mundo.

34 Daí acontece que, na maioria, o mal se instala pela falta de conhecimento e discernimento das coisas existentes.

35 Pois é da compreensão da Razão divina, pela qual todas as coisas são ordenadas, que vêm o desprezo e o remédio para o vício em todo o mundo.

36 Mas, quando persistem o desconhecimento e a ignorância, todos os vícios ganham força e atormentam a alma com feridas incuráveis. Infectada e corrompida por eles, ela incha como se estivesse cheia de venenos — exceto no caso daqueles que conhecem a disciplina das almas e a mais elevada cura do intelecto.

37 Portanto, embora isso possa beneficiar apenas alguns, é apropriado desenvolver e explicar esta tese: por que a Divindade se dignou a compartilhar sua ciência e inteligência somente com os homens. Escuta, então!

38 Quando Deus, nosso Pai e Senhor, fez o homem, depois dos deuses, de uma mistura igual de uma parte menos pura do cosmos com uma parte divina, aconteceu naturalmente que as imperfeições da parte cósmica permanecessem misturadas aos nossos corpos. Outras imperfeições também se juntaram a elas, por causa do alimento e sustento que, por necessidade, compartilhamos com todos os seres vivos. Por isso, os desejos, as paixões e outros vícios da mente ocupam as almas humanas.

39 Quanto aos deuses, como foram feitos da parte mais bela da Natureza e não precisam do apoio da razão e da disciplina — embora sua imortalidade e a força de permanecerem sempre da mesma idade façam as vezes de prudência e ciência —, para que não fossem alheios à razão, à ciência e ao intelecto, ele lhes determinou uma ordem por sua lei eterna, limitada pela necessidade da lei.

40 Quanto ao homem, ele o distingue de todos os outros animais somente pela razão e pela disciplina, pelas quais os homens podem afastar e separar os vícios do corpo. Deus os ajuda, dando-lhes esperança e esforço para alcançar a imortalidade.

41 Em suma, ele fez o homem bom e capaz de participar da vida imortal, a partir de duas naturezas: uma mortal e outra divina.

42 E, justamente por ter sido moldado assim pela Vontade de Deus, está determinado que o homem seja superior tanto aos deuses, feitos apenas de natureza imortal, quanto a todas as coisas mortais.

43 Por isso, unido aos deuses por laços de parentesco, o homem os reverencia com devoção e espírito santo. Os deuses, por sua vez, com devota simpatia, contemplam e protegem todas as coisas humanas.

44 Mas isso só se pode afirmar de alguns homens dotados de espírito devoto. Quanto aos demais, os perversos, não devemos dizer palavra alguma, para que a consideração deles não estrague um discurso tão sagrado.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 9

✦

1 E como nosso ensinamento trata da relação e da convivência entre os homens e os deuses, aprende, Asclépio, o poder e a força do ser humano!

2 Nosso Senhor e Pai, ou seja, o Deus Supremo, é o Criador dos deuses no céu; assim também o ser humano é o criador dos deuses que, nos templos, recebem sua aproximação. Eles não apenas são iluminados, mas também irradiam sua luz sobre todos. O ser humano não só se dirige aos deuses, como também confirma os deuses na terra.

3 Estás surpreso, Asclépio? Ou será que nem mesmo tu acreditas?

4 Asclépio: Estou admirado, Trismegisto, mas aceito de bom grado todas as tuas palavras. Considero muito feliz o homem que alcançou tão grande ventura.

5 Trismegisto: E com razão; ele merece nossa admiração, pois é o maior de todos.

6 Quanto à espécie dos deuses celestes, é evidente, pela mistura de todos eles, que foi gerada da parte mais bela da natureza, e que seus únicos sinais, por assim dizer, são sobretudo suas cabeças.

7 Já a espécie dos deuses que a humanidade cria é formada por ambas as naturezas: a natureza mais antiga e muito mais divina, e a que existe nos seres humanos. Isto é, é feita da matéria de que eles foram formados e moldados, não apenas em suas cabeças, mas também em cada membro e em todo o corpo.

8 Assim, ao representar a divindade, a humanidade se mantém consciente da natureza e da origem de si mesma.

9 Portanto, assim como nosso Pai e Senhor criou os deuses eternos para que fossem semelhantes a ele, também a humanidade moldou seus próprios deuses à semelhança de sua própria aparência.

10 Asclépio: Não estás falando das estátuas, não é, Trismegisto?

11 Trismegisto: Estou falando das estátuas, Asclépio. Não percebes quanto ainda duvidas? Estátuas dotadas de alma e de sentidos, cheias de espírito, que realizam feitos tão poderosos e extraordinários; estátuas capazes de prever o que está por vir e, talvez, de profetizar, anunciando acontecimentos por meio de sonhos e de muitas outras maneiras; estátuas que tiram as forças dos homens ou curam suas dores, quando eles merecem.

12 Não sabes, Asclépio, que o Egito é a imagem do céu? Ou, para dizer algo ainda mais verdadeiro, é a transposição, ou a descida, de tudo o que no céu é governado ou posto em ação. E, para dizer com ainda mais verdade, esta nossa terra é o santuário do mundo inteiro.

13 Ademais, como convém que os prudentes saibam tudo de antemão, não é certo que ignoreis isto.

14 Chegará o tempo em que parecerá que o Egito serviu em vão à divindade com mente piedosa e culto constante; todo o seu culto sagrado desaparecerá e será em vão.

15 Pois a divindade está prestes a voltar apressadamente da terra para o céu, e o Egito ficará para trás. A terra, que era sede de cultos piedosos, ficará despojada e viúva da presença dos deuses.

16 Estrangeiros ocuparão esta região e esta terra. Não haverá apenas abandono dos cultos piedosos, mas, o que é ainda mais doloroso, como se fosse determinado por lei, será decretada uma pena contra a prática de nossos cultos piedosos e a adoração dos deuses: eles serão completamente proibidos.

17 Então esta terra santíssima, sede de nossos santuários e templos, ficará sufocada por túmulos e cadáveres.

18 Ó Egito, Egito, dos teus cultos piedosos só restarão histórias, tão inacreditáveis para teus próprios filhos quanto para os demais homens; só ficarão palavras gravadas em tuas pedras, contando teus feitos piedosos!

19 E o Egito se tornará morada de citas, de indianos ou de algum povo semelhante, isto é, de um vizinho estrangeiro.

20 Sim, pois a companhia divina subirá de novo ao céu, e todos os seus adoradores abandonados morrerão; e o Egito, assim privado de deus e de homens, será deixado ao abandono.

21 E agora falo contigo, ó Rio, corrente santíssima! Digo-te o que acontecerá. Transbordarás de tuas margens em torrentes de sangue. Não só tuas águas divinas ficarão manchadas de sangue, como todas elas correrão carregadas dele.

22 O número dos túmulos superará em muito o dos vivos; e os que restarem serão egípcios apenas na língua, mas estrangeiros em suas ações.

23 Por que choras, Asclépio? E ainda há algo muito mais triste: o próprio Egito será atingido e manchado por males maiores.

24 Pois ela, a Terra Santa, outrora merecidamente a mais amada por Deus, por causa de seu serviço piedoso aos deuses na terra; ela, a única colônia da santidade e mestra da religião na terra, será exemplo de tudo o que há de mais bárbaro.

25 E então, por nosso desprezo pela humanidade, o mundo já não parecerá digno de nossa admiração e nosso louvor.

26 Todo este bem, mais belo do que tudo o que se pode ver, do que tudo o que existe e do que tudo o que jamais existirá, estará em perigo.

27 E ele se tornará um fardo para os homens; por isso, eles desprezarão e deixarão de amar este Cosmos inteiro: obra imutável de Deus, construção gloriosa do Bem, composta de formas variadas; instrumento da vontade de Deus, que sustenta sem mesquinhez a própria obra; conjunto numeroso reunido na unidade de tudo, digno de reverência, louvor e amor, ao menos por aqueles que têm olhos para ver.

28 Pois a escuridão será posta diante da luz, e a morte será considerada preferível à vida. Ninguém erguerá os olhos para o céu; o piedoso será tido por louco, e o ímpio, por sábio; o insensato será considerado forte, e o pior, o melhor.

29 A alma e tudo o que lhe diz respeito — por meio do que ela presume que nasceu imortal ou que alcançará a imortalidade, conforme o argumento que expus a vocês — será considerado não apenas motivo de riso, mas até mesmo uma ilusão.

30 Na verdade, acreditai em mim: será decretada a pena de morte para quem se dedicar à religião da mente.

31 Novos estatutos entrarão em vigor, uma lei inédita; nada sagrado, nada piedoso, nada digno do céu ou dos deuses celestes será ouvido, nem sequer crido em pensamento.

32 Os deuses se afastarão tristemente dos homens; só os anjos maus ficarão. Misturados à humanidade, imporão as mãos sobre ela e levarão o povo infeliz a todo tipo de mal imprudente: guerras, roubos, enganos e tudo o que se opõe à natureza da alma.

33 Então a terra deixará de se manter unida; ninguém mais navegará pelo mar; o céu não seguirá mais o curso das estrelas, nem as estrelas seguirão seu curso no céu.

34 A voz de todos os deuses cessará no Grande Silêncio, que ninguém pode romper; os frutos da terra apodrecerão. Sim, a terra deixará de produzir, e o próprio ar desfalecerá nessa triste apatia.

35 Quando isso acontecer, será a velhice do mundo: impiedade, desordem e falta de razão em tudo o que é bom.

36 E quando tudo isso acontecer, Asclépio, então ele, nosso Senhor e Pai, o Deus primeiro em poder e Governante do Deus único visível, para conter o crime e chamar o erro de volta da corrupção de todas as coisas, conduzindo-o aos bons costumes e às ações espontâneas conforme sua vontade, isto é, à bondade de Deus, porá fim a todo mal, seja lavando-o com uma inundação, queimando-o com fogo ou espalhando doenças pestilentas por todas as terras hostis. Deus fará o Cosmos voltar à sua forma antiga, para que o próprio mundo pareça digno de adoração e admiração; e Deus, criador e restaurador de obra tão grandiosa, será louvado pela humanidade daquele tempo, com proclamações incessantes de louvor e hinos de bênção.

37 Pois esse renascimento do Cosmos é a renovação de todas as coisas boas e o retorno santíssimo e piedoso da própria Natureza, por meio de um ciclo determinado do tempo — da Natureza, que não teve começo e não terá fim. Pois a vontade de Deus não tem começo e, sendo sempre a mesma, não tem fim.

38 Asclépio: A natureza de Deus é a determinação da vontade. A determinação é o Bem Supremo, não é, Trismegisto?

39 Trismegisto: Asclépio, a vontade é filha da determinação; na verdade, o próprio querer vem da vontade.

40 Não que ele queira algo por desejá-lo; pois ele é a plenitude de todas as coisas e quer aquilo que possui.

41 Assim, ele quer todas as coisas boas e possui tudo o que quer. Mais ainda: ele pensa e quer tudo o que é bom.

42 Portanto, este é Deus; o mundo é a imagem do Bem.

43 Asclépio: O Cosmos é bom, Trismegisto?

44 Trismegisto: É bom, como te ensinarei, Asclépio.

45 Pois, assim como Deus distribui e administra os bens a todas as espécies, ou, mais precisamente, gêneros que há no Cosmos — isto é, sentido, alma e vida —, o Cosmos dá e concede todas as coisas que parecem boas a nós, mortais: a alternância de suas partes, os frutos da estação, o nascimento, o crescimento, a maturidade e coisas semelhantes.

46 Por essa razão, Deus está acima do mais alto céu, estendendo-se por toda parte e contemplando todas as coisas de todos os lados.

47 Além do céu se estende o espaço sem estrelas, estranho a tudo o que possui corpo.

48 O dispensador que está entre o céu e a terra governa o espaço que chamamos Zeus do Alto.

49 A terra e o mar são governados por Zeus do Baixo; ele é quem nutre a vida dos mortais e as árvores frutíferas.

50 É pelas forças de todos eles que os frutos, as árvores e a terra vicejam.

51 Os poderes e as energias dos outros deuses se distribuem por todas as coisas existentes.

52 Sim, os que governam a terra se espalharão por todas as regiões e, por fim, serão reunidos num Estado, na parte mais alta do Egito, fundado na direção do poente, para onde correrá toda a raça mortal.

53 Asclépio: Mas agora, neste exato momento, onde eles estão, Trismegisto?

54 Trismegisto: Estão reunidos numa comunidade muito grande, no monte Líbio. E já foi dito o bastante sobre isso.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 10

✦

1 Mas agora devemos discutir a questão da imortalidade ou da morte.

2 A expectativa e o medo da morte atormentam a multidão, que não conhece a Verdadeira Razão.

3 A morte acontece pela dissolução do corpo, desgastado pelo trabalho, e quando se completa o número pelo qual os membros do corpo são organizados em um único mecanismo para as necessidades da vida. O corpo morre quando já não consegue sustentar as forças vitais de uma pessoa.

4 Essa, então, é a morte: a dissolução do corpo e o desaparecimento da percepção corporal.

5 Não é preciso temer essa morte. Mas há outra [morte] da qual ninguém pode escapar, embora a ignorância e a falta de fé das pessoas a considerem sem importância.

6 Asc. O que é isso, ó Três Vezes Grande, que as pessoas desconhecem ou não acreditam que possa existir?

7 Tris. Então, escuta, Asclépio!

8 Quando a alma deixar o corpo, o julgamento e a avaliação de seus méritos passarão ao poder de seu daimon supremo.

9 E, quando ele perceber que ela é piedosa e justa, permitirá que repouse em lugares apropriados para ela.

10 Mas, se a encontrar manchada por más ações e corrompida pelo vício, ele a expulsará das alturas para as profundezas e a entregará aos furacões e redemoinhos em guerra do Ar, do Fogo e da Água.

11 Entre o Céu e a Terra, sobre as ondas do Cosmos, ela será arrastada em direções contrárias, para sempre atormentada por dores incessantes; assim, sua natureza imortal afligirá a alma, pois, por causa de sua percepção contínua, o jugo do tormento sem fim será colocado sobre seu pescoço.

12 Saiba, então, que devemos temer, ter cuidado e estar sempre atentos para não cair nessas [armadilhas].

13 Pois aqueles que agora não acreditam serão levados a acreditar depois de suas más ações, pelos fatos, não pelas palavras; pelo sofrimento real da punição, não pelas ameaças.

14 Asc. Então, ó Três Vezes Grande, as faltas das pessoas não são punidas apenas pelas leis humanas?

15 Tris. Antes de tudo, Asclépio, todas as coisas na Terra devem morrer.

16 Além disso, os seres que vivem por causa de um corpo e deixam de viver por causa dele recebem, de acordo com os méritos ou deméritos desta vida, as devidas [recompensas ou] punições.

17 [E quanto às punições,] elas são ainda mais severas se, durante a vida, [as más ações] tiverem ficado escondidas até a morte. Pois [então] a divindade lhes dará plena consciência de todas as coisas, conforme os graus de punição destinados a seus crimes.

18 Asc. E esses merecem [ainda] punições maiores, ó Três Vezes Grande?

19 Tris. [Certamente;] pois os condenados pelas leis humanas perdem a vida pela violência, para que [todos] vejam que não entregaram a alma para pagar a dívida da natureza, mas receberam a punição que mereciam.

20 Por outro lado, o justo encontra sua defesa no serviço a Deus e na mais profunda devoção. Pois Deus protege essas pessoas de todo mal.

21 Sim, aquele que é o Pai de todos, nosso Senhor, e que é o único Todo, ama se revelar a todos.

22 Ele ilumina a pessoa não pelo lugar em que ela está, nem por sua condição, nem por sua grandeza, mas somente pela inteligência da mente — [a pessoa] que afasta da alma as nuvens do Erro e contempla o brilho da Verdade, unindo-se à percepção do Todo da Inteligência divina. Por amor a ela, conquista a liberdade da parte de si mesma sobre a qual a Morte governa, e recebe dentro de si a semente da certeza de sua futura imortalidade.

23 É assim, então, que o bom se distingue do mau. Cada um deles brilhará em devoção, santidade, prudência, adoração e serviço ao nosso Deus, e verá a Verdadeira Razão como se [a contemplasse] com os olhos [do corpo]. Pela firmeza de sua fé, cada um se destacará entre todas as outras pessoas, como o Sol, com sua luz, se destaca entre as demais estrelas.

24 Pois o Sol ilumina as outras estrelas não tanto pela intensidade de sua luz, mas por sua santidade e divindade.

25 Sim, [meu] Asclépio, deves considerá-lo o segundo Deus, que governa todas as coisas e ilumina todos os seres vivos do Cosmos, animados ou inanimados.

26 Pois, se o Cosmos é um ser vivo, e se sempre esteve vivo, está vivo e continuará vivo, nada no Cosmos está sujeito à morte.

27 Pois, em um ser que vive para sempre, o mesmo vale para cada uma de suas partes: [isto é,] cada parte [vive para sempre] como ele próprio. E no próprio Mundo, [que é] para todos e, ao mesmo tempo, um ser sempre vivo, não há lugar para a morte.

28 Assim, ele deve ser a fonte plena da vida e da imortalidade, já que necessariamente viverá para sempre.

29 E assim como o Cosmos, o Sol dura para sempre. Ele também governa para sempre todas as forças vitais, ou toda a nossa vitalidade: é quem as dirige ou as distribui.

30 Deus, então, é o eterno governante de todos os seres vivos, ou funções vitais, que estão no Mundo. Ele é quem concede para sempre a própria Vida.

31 De uma vez por todas, Ele concedeu a Vida a todas as forças vitais; além disso, preserva-as por meio de uma lei que dura para sempre, como explicarei agora.

32 Pois o Cosmos se move na própria Vida da Eternidade, e o Espaço Cósmico existe na própria Vida Eterna.

33 Por isso, ele nunca deixará de existir nem será destruído; pois sua própria existência está cercada e unida, por assim dizer, pela eternidade do Vivente.

34 Assim, o Cosmos é quem dá vida a tudo o que nele existe e é o Espaço de tudo o que está sob o governo do Sol.

35 O movimento do Cosmos em si consiste em uma energia dupla. Ele próprio recebe vida de fora pela Eternidade e dá vida a tudo o que está dentro, distinguindo cada coisa por números e tempos fixados e determinados para elas.

36 Na Terra, o Tempo se distingue pelas condições do ar e pelas mudanças de calor e frio; no Céu, pelo retorno das estrelas aos mesmos lugares e pela revolução de seus percursos ao longo do Tempo.

37 E, enquanto o Cosmos é a morada do Tempo, ele próprio se mantém sempre renovado pelo curso e pelo movimento do Tempo.

38 O Tempo, por sua vez, é mantido pela ordem. A Ordem e o Tempo renovam todas as coisas que estão no Cosmos por meio da alternância.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 11

✦

1 Sendo assim todas as coisas, nada do que nasce no Céu ou na Terra é estável, fixo ou imóvel.

2 Só Deus é imóvel, e com razão: somente Ele está em si mesmo, por si mesmo e ao redor de si mesmo, completamente pleno e perfeito.

3 Ele é a própria estabilidade imóvel. Não pode ser movido pela pressão de outro, nem pelo espaço de alguém.

4 Pois tudo está nele, e apenas Ele está em tudo; a menos que alguém ouse afirmar que o movimento próprio de Deus está na Eternidade. Não: a própria Eternidade é, antes, imóvel, e nela se recolhe o movimento de todos os tempos, dela tendo início.

5 Deus, portanto, sempre foi imutável e, do mesmo modo, a Eternidade sempre subsistiu com Ele, contendo em si o Cosmos não gerado, que corretamente chamamos de [Deus] Sensível.

6 Essa Imagem foi feita daquela Divindade [transcendente]: o Cosmos, imitador da Eternidade.

7 Ademais, o Tempo tem sua própria força e natureza de estabilidade, apesar de estar em movimento perpétuo, pois necessariamente sempre retorna de si mesmo a si mesmo.

8 Assim, embora a Eternidade seja estável, imóvel e fixa, como o movimento deste Tempo (que está sujeito ao movimento) é sempre reconduzido à Eternidade — e por isso a mobilidade do Tempo é circular —, acon-

tece que a própria Eternidade, embora imóvel em si mesma, por causa do Tempo, no qual está — e está nele —, parece estar em movimento como todo movimento.

9 Assim acontece que a estabilidade da Eternidade é movida, e a mobilidade do Tempo se torna estável.

10 Portanto, devemos sempre considerar que o próprio Deus se move em si mesmo pela mesma transcendência do movimento.

11 Pois, em sua vastidão, essa estabilidade é movimento imóvel; sua vastidão mantém a lei [de Deus] livre de mudança.

12 Aquilo, por conseguinte, que assim transcende, que não está sujeito aos sentidos, que está além de todos os limites e não pode ser apreendido, transcende todo julgamento; não pode ser amparado, sustentado nem rastreado.

13 Pois ninguém sabe onde, quando, de onde, como ou o que Ele é. Ele é sustentado por sua estabilidade suprema, e sua estabilidade está somente nele mesmo — quer esse mistério seja Deus, a Eternidade, ambos, um no outro ou ambos em cada um.

14 E por essa razão, assim como a Eternidade transcende os limites do Tempo, o próprio Tempo, por não poder ser limitado por número, mudança ou pelo período de revolução de alguma outra espécie de Tempo, é da natureza da Eternidade.

15 Ambos, portanto, parecem ilimitados e eternos. E assim, embora a estabilidade seja naturalmente fixa, como pode sustentar as coisas em movimento — por todo o bem que realiza graças à sua firmeza —, com razão

ocupa o lugar mais elevado.

16 Os princípios de tudo o que existe são, portanto, Deus e Éon.

17 O Cosmos, por outro lado, por ser móvel, não é um princípio.

18 Pois sua mobilidade supera sua própria estabilidade ao tratar a fixação imóvel como lei do movimento eterno.

19 O Sentido total da Divindade, por conseguinte, embora imóvel em si mesmo, à semelhança [Dele], põe-se em movimento dentro de sua própria estabilidade.

20 É santo, incorruptível e eterno; e, se há atributo melhor que se possa lhe dar, é este: a Eternidade do Deus supremo, subsistindo na própria Verdade, plenitude de todas as coisas, do Sentido e de toda a Ciência, existindo, por assim dizer, com Deus.

21 O Sentido Cósmico é o recipiente de todas as coisas sensíveis, de todas as espécies e de todas as ciências.

22 O sentido humano consiste na capacidade de conservar a memória, pois pode recordar tudo o que fez.

23 Pois a divindade do Sentido desceu apenas até o animal humano, porque Deus não quis que o mais elevado Sentido divino se misturasse aos demais animais, para que não se envergonhasse ao se misturar às outras formas de vida.

24 Seja qual for a qualidade ou a extensão da inteligência do Sentido de um homem, ela consiste inteiramente na capacidade de recordar o passado.

25 Foi por sua capacidade de conservar a memória que o ser humano se tornou governante da Terra.

26 A inteligência da Natureza pode ser alcançada pela qualidade do Sentido Cósmico, por meio de todas as coisas do Cosmos que os sentidos podem perceber.

27 Quanto a essa Eternidade, que é a segunda, obtemos o conhecimento dela a partir do Cosmos dos sentidos e discernimos sua qualidade pelos mesmos meios.

28 Mas a inteligência da própria Qualidade, o "Que é" do Sentido do Deus supremo, é apenas a Verdade — da qual nem mesmo o esboço mais tênue ou a sombra mais fraca se percebe no Cosmos.

29 Pois onde se percebe algo dela pela medida do tempo, no qual se veem falsidades, nascimentos e mortes, e erros?

30 Vês, então, Asclépio, sobre que fundamento já estamos, com que nos ocupamos e o que ousamos buscar.

31 Mas a ti, ó Deus altíssimo, dou graças, pois me iluminaste com a Luz para que eu visse a Divindade!

32 E vocês, ó Tat, Asclépio e Amom, guardem em silêncio os mistérios divinos nos lugares secretos de seus corações e não revelem palavra alguma sobre o que está oculto!

33 No nosso caso, o intelecto difere do sentido nisto: pela expansão da mente, o intelecto pode alcançar a compreensão e o discernimento da qualidade do Sentido Cósmico.

34 O Intelecto do Cosmos, por outro lado, estende-se até a Eternidade e ao conhecimento dos deuses que estão acima dele.

35 E assim acontece com os seres humanos: percebemos as coisas do Céu como que através de uma névoa, até onde permite a condição do sentido humano.

36 É verdade que a extensão [da mente] que temos para contemplar coisas tão transcendentes ainda é muito estreita; mas será bem ampla quando perceber com a felicidade da verdadeira autoconsciência.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 12

✦

1 Agora, sobre o tema do "Vazio" —que parece ser de enorme importância para quase todos—, tenho a seguinte opinião.

2 Nada é vazio, nada poderia ter sido vazio, nada jamais será vazio.

3 Pois todas as partes do Cosmos estão inteiramente cheias; assim, o próprio Cosmos está cheio e [inteiramente] completo de corpos, diversos em qualidade e forma, cada qual possuindo seu tipo e tamanho próprios.

4 E desses corpos, um é maior que outro, ou outro é menor que outro, por diferença de força e tamanho.

5 É claro que os mais fortes são percebidos com mais facilidade, assim como os maiores. Os menores, contudo, ou os mais diminutos, mal podem ser percebidos, ou nem um pouco — aqueles que sabemos que são coisas [de fato] apenas pelo sentido do tato.

6 Por isso muitos chegam a pensar que não são corpos e que há espaços vazios — o que é impossível.

7 O mesmo vale para o Espaço chamado Extracósmico — se houver algum (o que não acredito) —, pois ele é preenchido por Ele com coisas inteligíveis, isto é, coisas de natureza semelhante à sua própria Divindade; assim como este Cosmos, chamado Sensível, está completamente cheio de corpos e de animais, de acordo com sua natureza e qualidade próprias; [corpos] cuja forma própria nem todos vemos, mas alguns [vemos] maiores que sua medida própria, outros muito pequenos; seja por causa do grande espaço

entre [eles e nós], seja porque nossa visão é fraca; de modo que nos parecem diminutos, ou, por serem numerosos, pensa-se que nem sequer existem, devido à sua extrema sutileza.

8 Refiro-me aos daimones, que, acredito, habitam conosco, e aos heróis, que vivem entre a parte mais pura do ar acima de nós e a terra — onde o céu está sempre sem nuvens e nenhum [movimento causado pelo] curso de uma única estrela [perturba a paz].

9 Por isso, Asclépio, não chamarás nada de vazio, a menos que declares do que está vazio aquilo que dizes estar vazio — por exemplo, vazio de fogo, de água ou de coisas semelhantes.

10 Pois, se por acaso parecer que algo pode estar vazio de coisas como essas — ainda que aquilo que pareça vazio seja pequeno ou grande —, mesmo assim não poderá estar vazio de espírito e de ar.

11 Do mesmo modo devemos falar também sobre "Espaço", termo que, por si só, é "sem sentido".

12 Pois o Espaço parece ser aquilo de que é [o espaço]. Se a palavra que o qualifica for retirada, o sentido fica incompleto.

13 Por isso, será mais correto dizer espaço de água, espaço de fogo ou [espaço] de coisas semelhantes.

14 Pois, assim como é impossível que algo seja vazio, também é impossível determinar por si só o que é o Espaço.

15 Se postulares um espaço sem aquilo de que ele é [o espaço], ele parecerá ser um espaço vazio — que não acredito existir no Cosmos.

16 Se nada é vazio, então o Espaço, por si só, também não mostra o que é, a menos que lhe acrescentes comprimento, largura [e profundidade] — assim como acrescentas as características próprias aos corpos dos homens.

17 Sendo assim, Asclépio, e vocês que estão com [ele], saibam que o Cosmos Inteligível (isto é, [aquele] que só se percebe pela contemplação da mente) não tem corpo; e nada corpóreo pode se misturar à sua natureza — [por corpóreo quero dizer] o que pode ser conhecido por qualidade, quantidade e números. Pois nada desse tipo existe nele.

18 Este Cosmos, então, chamado Sensível, é o receptáculo de todas as coisas sensíveis — espécies, qualidades ou corpos.

19 Mas nenhuma delas pode ganhar vida sem Deus. Pois Deus é tudo, e por Ele [existem] todas as coisas, e todas [existem] por sua Vontade.

20 Que Ele é toda Bondade, Perfeição e Sabedoria, imutável — isso só pode ser percebido e compreendido por Ele mesmo.

21 Sem Ele, nada existiu, existe ou existirá.

22 Pois todas as coisas vêm dele, estão nele e são por meio dele — tanto as numerosas qualidades, como as grandes quantidades e as magnitudes que excedem toda medida, e as espécies de todas as formas. Se compreenderes essas coisas, Asclépio, darás graças a Deus.

23 E, se observares o conjunto, aprenderás, por meio da Razão Verdadeira, que o próprio Cosmos pode ser conhecido pelos sentidos e que todas as coisas nele estão envoltas, como por um manto, por aquele Cosmos Superior [mencionado acima].

24 Ora, cada classe de ser vivo, Asclépio, seja de que tipo for, mortal ou racional, dotado de alma ou sem ela, assim como tem sua própria classe, também tem imagens próprias dessa classe.

25 E, embora cada classe de animal contenha todas as formas de sua própria classe, mesmo dentro da mesma forma as unidades diferem umas das outras.

26 Assim, embora a classe dos homens seja de um só tipo, de modo que se possa reconhecer um homem por sua aparência [geral], os homens, individualmente, diferem uns dos outros, ainda que tenham a mesma forma [comum].

27 Pois a ideia, que é divina, não tem corpo e é aquilo que a mente apreende.

28 Assim, embora esses dois elementos, dos quais derivam a forma geral e o corpo, não tenham corpo, é impossível que uma forma seja produzida exatamente igual a outra — porque os momentos das horas e os graus de inclinação [no nascimento] são diferentes.

29 Mas eles mudam tantas vezes quantos são os momentos da hora daquele Círculo giratório onde habita o Deus a quem chamamos de Pleno de Formas.

30 A espécie, então, permanece, produzindo de si mesma tantas imagens, e tão diversas, quantos são os momentos da Revolução Cósmica — um Cosmos que muda continuamente em sua rotação. Mas a ideia [em si] não muda nem se transforma.

31 Assim, as formas de cada gênero são permanentes e, ainda assim, diferentes dentro da mesma forma [geral].

32 Asc. E o Cosmos tem uma espécie, ó Três Vezes Grande?

33 Tris. Não vês, Asclépio, que tudo te foi explicado como se estivesses dormindo?

34 Pois o que é o Cosmos, ou de que é composto, senão de todas as coisas que nascem?

35 Isso, então, podes afirmar do céu, da terra e dos elementos. Pois, embora as outras coisas mudem de espécie com mais frequência, [até] o céu, ao se tornar úmido, seco, frio, quente, claro ou escuro, [continua] sendo um só tipo de céu — essas [também] são mudanças frequentes de espécie.

36 Além disso, a terra passa sempre por muitas mudanças em suas espécies — tanto quando produz frutos, quanto quando também nutre o que produziu com o retorno de todos os frutos; as diversas qualidades e quantidades do ar, suas pausas e seus fluxos; e, acima de tudo, as qualidades das árvores, das flores e das frutas, dos aromas e dos sabores — espécies.

37 O fogo [também] provoca inúmeras transformações, e divinas. Pois estas são imagens de muitas formas do Sol e da Lua; são como nossos espelhos, que, com seu brilho rival, nos devolvem as imagens de nossas próprias formas.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 13

✦

1 Mas, por ora, basta sobre essas coisas; voltemos mais uma vez ao homem e à razão — dom divino que dá ao homem o nome de animal racional.

2 O que se diz do homem é menos surpreendente — embora ainda seja digno de admiração. De fato, entre todas as maravilhas, a que mais nos espanta é que o homem tenha conseguido descobrir a natureza dos Deuses e colocá-la em ação.

3 Como nossos primeiros antepassados erravam muito — pois não tinham uma fé racional nos Deuses e não davam atenção ao seu culto e à sua adoração sagrada —, por acaso descobriram uma arte por meio da qual fizeram Deuses [para si].

4 A essa invenção uniram um poder que lhe era adequado, [derivado] da natureza cósmica; e, combinando essas coisas, já que não podiam criar almas, [passaram a] invocar as almas dos daimones ou dos anjos; [e assim] as ligaram às suas imagens sagradas e aos mistérios santos, para que as estátuas, por meio delas, tivessem poderes para fazer o bem e o mal.

5 Pois teu antepassado, Asclépio, o primeiro descobridor da medicina, tem um templo consagrado no monte da Líbia, perto da margem dos crocodilos, onde repousa seu homem cósmico, isto é, seu corpo; pois o restante [dele], ou melhor, sua totalidade (se é melhor que um homem esteja inteiramente [imerso] na consciência da vida), voltou para casa, no céu — ainda oferecendo aos enfermos, agora por sua divindade, todos os remédios que antes costumava dar por meio da arte da medicina.

6 Hermes, nome do meu antepassado, cuja morada fica num lugar que leva seu nome, ajuda e protege todos os mortais que vêm até ele de todos os lados.

7 E quanto a Ísis, [esposa] de Osíris: quantas bênçãos sabemos que ela concede quando está favorável; quantos danos causa quando está irada!

8 Pois os Deuses terrenos e cósmicos se irritam com facilidade, já que são criados e compostos das duas naturezas.

9 Por essa razão, os egípcios chamam esses [animais] de "animais sagrados", e cada estado serve às almas daqueles cujas almas foram santificadas enquanto ainda estavam vivas; assim, [os diversos estados] são governados pelas leis [de seus animais sagrados particulares] e recebem seus nomes.

10 Por isso, Asclépio, os [animais] que alguns estados consideram dignos de adoração, em outros são vistos de modo diferente; e, por causa disso, os estados do Egito travam guerras frequentes entre si.

11 Asc. E de que natureza, ó Três Vezes Grande, é a qualidade daqueles que são considerados Deuses terrenos?

12 Tris. Consiste, Asclépio, em plantas, pedras e especiarias que contêm a natureza de sua própria divindade.

13 Por isso, eles se agradam com sacrifícios repetidos, hinos, louvores e sons muito doces, afinados com a harmonia da música do Céu.

14 Assim, aquilo que é de natureza celestial, atraído para as imagens por meio de usos e práticas celestiais, pode suportar com alegria a natureza humana e permanecer com ela por longos períodos.

15 É assim que o homem faz os Deuses.

16 Mas, Asclépio, peço-te que não penses que as ações dos Deuses terrenos acontecem por acaso.

17 Os Deuses celestiais habitam nas alturas do Céu, cada um ocupando e vigiando a posição que recebeu; enquanto estes nossos Deuses, cada um à sua maneira — cuidando de certas coisas, prevendo outras por oráculos e profecias, antecipando outras e ajudando-as a seguir seu curso —, agem como aliados dos homens, como se fossem nossos parentes e amigos.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 14

✦

1 Asc. Que lugar ocupa então a Heimarmenē, ou Destino, na ordem das coisas, Trismegisto? Pois os deuses celestes não governam os generais, enquanto os terrestres cuidam dos particulares?

2 Tris. Aquilo que chamamos Heimarmenē, Asclépio, é a necessidade de todas as coisas que nascem, sempre ligadas umas às outras por correntes entrelaçadas.

3 Ela é, portanto, quem realiza todas as coisas, ou é o Deus supremo, ou aquilo que o próprio Deus fez segundo Deus — ou ainda a disciplina de todas as coisas, tanto no céu como na terra, estabelecida pelas leis do Divino.

4 Assim, esses dois, Destino e Necessidade, estão mutuamente ligados por uma união inseparável.

5 O primeiro deles, a Heimarmenē, dá origem aos princípios de todas as coisas; a Necessidade leva ao fim tudo o que depende desses princípios.

6 A Ordem vem depois deles: ela é a trama de tudo e a disposição do Tempo para o aperfeiçoamento das coisas. Pois nada existe sem a combinação da Ordem.

7 O Cosmos é perfeito em todas as coisas, pois ele próprio é conduzido pela Ordem ou consiste inteiramente nela.

8 Assim, esses três, Destino, Necessidade e Ordem, são realizados diretamente pela Vontade de Deus, que governa o Cosmos por sua Lei e sua Razão Sagrada.

9 Por isso, toda vontade ou falta de vontade é completamente alheia a eles, segundo a Vontade de Deus.

10 Eles não são movidos pela ira nem influenciados pelo favor, mas são instrumentos da autocoação da Razão Eterna, que pertence à Eternidade e nunca pode ser desviada, mudada ou destruída.

11 Primeiro vem o Destino, que, por assim dizer, lançando a semente, fornece o embrião de tudo o que há de existir.

12 Depois vem a Necessidade, pela qual todos são forçados a chegar ao seu fim.

13 Em terceiro lugar vem a Ordem, que preserva a trama das coisas organizadas pelo Destino e pela Necessidade.

14 Essa é a Eternidade, que não começa nem deixa de existir e que, regida por uma lei imutável, permanece no movimento incessante de seu curso.

15 Ela nasce e se põe, alternadamente, por todos os seus membros; assim, pelas mudanças do Tempo, muitas vezes nasce com os mesmos membros com que antes se pusera.

16 Pois sua forma esférica — sua lei de revolução — é tal que todas as coisas estão tão estreitamente ligadas a si mesmas que ninguém sabe onde começa sua revolução; pois parece que todas sempre vêm antes e depois de si mesmas.

17 Por isso, resultados bons e maus se misturam em todas as coisas cósmicas.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

CAPÍTULO 15

✦

1 E agora cada ponto lhes foi explicado — tanto quanto o ser humano pode explicar, e Deus quis e permitiu.

2 Resta-nos apenas fazer isto: bendizer a Deus e louvá-lo; e então voltar a cuidar do conforto do corpo.

3 Pois agora já nos saciamos suficientemente com o banquete da mente, em nossa conversa sobre as coisas sagradas.

4 Quando saíram do lugar sagrado, voltaram o rosto para o sul e começaram suas orações a Deus.

5 Quando o sol se põe, quem quiser orar a Deus deve voltar-se para esse lado; e, quando o sol nasce, para o lugar que fica sob o sol.

6 Quando estavam prestes a recitar a oração, Asclépio sussurrou:

7 [Asc.] Vamos sugerir ao pai, Tat, aquilo que ele nos pediu que fizéssemos: que rezássemos a Deus acrescentando incenso e unguentos.

8 Ao ouvir isso, Trismegisto ficou aflito e disse:

9 [Tris.] Não, não, Asclépio; diga palavras mais favoráveis! Pois parece uma profanação de nossos ritos sagrados oferecer incenso e outras coisas quando se ora a Deus.

10 Pois não há nada de que Ele precise, já que Ele é todas as coisas, ou todas as coisas estão nele.

11 Mas adoremos e ofereçamos nossos agradecimentos. Este é o melhor incenso aos olhos de Deus: que os seres humanos lhe deem graças.

12 [Damos] graças a Ti, ó Altíssimo e Excelentíssimo! Pois por tua Graça recebemos a grande Luz de teu próprio Conhecimento.

13 Ó Nome santo, digno de adoração, ó Nome único, por meio do qual o Deus único deve ser bendito pela adoração de nosso Pai — tu, que te dignas conceder a todos a piedade, o cuidado e o amor de um pai, e toda virtude ainda mais doce que essas, dotando-nos de percepção, razão e inteligência: de percepção, para que possamos sentir-te; de razão, para que possamos reconhecer-te pelas aparências das coisas; e de meios de reconhecimento, para que nos alegremos em conhecer-te.

14 Salvos por teu poder divino, alegremo-nos porque te revelaste a nós em toda a tua Plenitude. Alegremo-nos porque te dignaste consagrar-nos à Eternidade, embora ainda estejamos sepultados em corpos.

15 Pois esta é a única celebração de louvor digna do ser humano: conhecer tua Majestade.

16 Nós te conhecemos; sim, pelo sentido único de nossa inteligência, percebemos tua Luz suprema — ó verdadeira Vida da vida, ó ventre fecundo que dá origem a toda natureza!

17 Nós te conhecemos, ó tu que estás completamente preenchido pela concepção que tens de ti mesmo da Natureza universal!

18 Nós te conhecemos, ó Constância eterna!

19 Pois em toda esta nossa oração em adoração ao teu Bem, pedimos apenas este favor de tua Bondade: que nos mantenhas firmes em nosso amor por conhecer-te e nunca nos deixes afastar desse tipo de Vida.

20 Com esse desejo, vamos agora à nossa refeição pura e sem carne.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0